



NUNCA UMA
RIVALIDADE FOI
TÃO SENSUAL...

OS RIVAIS

AUTORA BESTSELLER DO NEW YORK TIMES

VI KEELAND

TOP
SEL
LER

*«Ama-me ou odeia-me, ambos estão a meu favor.
Se me amares, estarei eternamente no teu coração...
Se me odiares, estarei eternamente no teu pensamento.»*

Autor desconhecido

Um

Sophia

— **E**sperem!
A funcionária puxou a correia de nylon de um poste até ao outro e encaixou-a no lugar, impedindo a passagem para a porta de embarque. Olhou para cima e fez má cara ao ver-me avançar na sua direção, arrastando comigo a minha mala com rodinhas. Eu tinha corrido desde o Terminal A até ao Terminal C e estava arfar como se fumasse cinco maços de cigarros por dia.

— Peço desculpa pelo atraso, mas posso embarcar?

— A última chamada foi há dez minutos.

— O meu primeiro voo atrasou-se e tive de correr até ao terminal internacional. Por favor, preciso de estar em Nova Iorque logo de manhã, e este é o último voo.

Ela não se mostrou compreensiva, e eu senti-me a desesperar.

— Oiça — disse eu —, o meu namorado deixou-me no mês passado. Regressei de Londres para começar um novo trabalho amanhã de manhã, a trabalhar para o meu pai, com quem não me dou bem, *de todo*. Ele acha que não sou qualificada, e provavelmente tem razão, mas preciso de sair de Londres. — Abanei a cabeça. — Por favor, deixe-me embarcar. Não posso chegar atrasada no meu primeiro dia.

O rosto da mulher suavizou-se.

— Em menos de dois anos, trabalhei até chegar a gerente nesta companhia aérea, mas sempre que vejo o meu pai, ele pergunta-me

se já conheci um homem, e não como está a correr a minha carreira. Deixe-me verificar se ainda não fecharam a porta do avião.

Suspirei de alívio quando ela se dirigiu ao balcão e fez uma chamada. Quando voltou, soltou a correia.

— Dê-me o seu cartão de embarque.

— Você é a maior! Muito obrigada.

Ela fez a leitura do bilhete no meu telemóvel e devolveu-mo com um piscar de olho.

— Prove que o seu pai está errado.

Atravessei a manga a correr e embarquei. O meu lugar era o 3B, mas a bagageira por cima dele já estava cheia. A assistente de bordo aproximou-se com um ar muito desagradado.

— Sabe onde há espaço? — perguntei.

— Já está tudo cheio. Tenho de pedir que a enviem para o porão.

Olhei à volta. Todos os passageiros sentados tinham os olhos postos em mim, como se eu estivesse pessoalmente a atrasar o avião. *Oh, talvez estivesse.* A suspirar, forcei um sorriso.

— Isso era ótimo. Muito obrigada.

A mulher levou a minha mala, e eu olhei para o lugar vago do corredor. Podia jurar que tinha reservado um lugar à janela. Verificando duas vezes o meu cartão de embarque e os números dos lugares, inclinei-me para falar com o homem que já estava ali sentado.

— Hum... desculpe. Acho que está no meu lugar.

Um homem com a cara colada ao *Wall Street Journal* baixou o jornal. Os seus lábios contraíram-se como se tivesse o direito de se aborrecer, embora ele estivesse sentado no *meu* lugar. Demorou alguns segundos até o meu olhar percorrer o resto do seu rosto. Contudo, quando acabei, fiquei de queixo caído, e os lábios do ladrão de lugares curvaram-se num sorriso presunçoso.

Pestanejei algumas vezes, na esperança de talvez ter visto uma miragem.

Não.

Ainda lá estava.

Argh!

Abanei a cabeça.

— Só podem estar a brincar comigo.

— Que bom ver-te, Fifi.

Não. Não mesmo. As últimas semanas já tinham sido suficientemente merdosas. Isto não podia estar a acontecer.

Weston Lockwood.

De todos os aviões e de todas as malditas pessoas no mundo, como é que eu podia estar sentada ao lado dele? Aquilo tinha de ser uma espécie de piada cruel.

Tentei encontrar um lugar vazio, mas, claro, não havia nenhum. A assistente de bordo que não tinha ficado feliz por levar a minha mala apareceu ao meu lado, parecendo ainda mais agitada naquele instante.

— Há algum problema? Estamos à espera de que se sente para podermos sair da porta de embarque.

— Sim. Não me posso sentar aqui. Tem algum lugar noutro sítio? Ela pôs as mãos nas ancas.

— É o único lugar disponível no avião. Precisa mesmo de se sentar agora, minha senhora.

— Mas...

— Vou ter de chamar a segurança, se não se sentar.

Olhei para o Weston, e o idiota teve a audácia de sorrir.

— Levanta-te. — Encarei-o. — Pelo menos, quero o lugar à janela, que é suposto ser meu.

O Weston olhou para a assistente e esboçou um sorriso radioso.

— Ela tem um fraquinho por mim desde a escola preparatória. Esta é a sua maneira de o demonstrar. — Piscou o olho, enquanto estava de pé, e estendeu uma mão. — Por favor, fica com o meu lugar.

Semicerrei tanto os olhos que mal consegui ver.

— Sai-me da frente! — Tentei contorná-lo sem lhe tocar e deslizei para o meu lugar à janela. A arfar, enfiei a minha mala debaixo do banco da frente e apertei o cinto.

A mulher recitou de imediato os discursos de segurança antes do voo, e o avião começou a afastar-se da porta de embarque.

O idiota do meu companheiro de lugar inclinou-se para mim.

— Estás com bom aspeto, Feef. Quanto tempo já passou?

Suspirei.

— Obviamente, não o tempo suficiente, uma vez que estás sentado ao meu lado neste momento.

O Weston sorriu.

— Ainda a fingir que não estás interessada, hum?

Revirei os olhos.

— Ainda com delírios, estou a ver.

Infelizmente, quando os meus olhos voltaram ao sítio, consegui observar de perto o homem que tinha passado toda a minha vida a desprezar. Claro que o idiota tinha ficado ainda mais bonito. O Weston Lockwood fora um adolescente muito giro, era impossível negá-lo. Mas o homem sentado ao meu lado era absolutamente lindo. O queixo era quadrado e viril, o seu nariz num estilo romano era aguçado como uma lâmina e ele tinha uns sedutores e grandes olhos azuis, da cor de um glaciador do Alasca. A sua pele estava bronzeada e tinha pequenas rugas nos cantos dos olhos, que — sabe Deus porquê — achei muito sexy. Os seus lábios carnudos estavam rodeados pelo que aparentava ser uma barba por fazer e o seu cabelo escuro precisava de um corte. Porém, em vez de parecer desleixado, o estilo do Weston Lockwood gritava um «que se lixe» ao mundo empresarial cheio de fatos elegantes e feitos por medida. Basicamente, ele não era o meu tipo habitual.

Era uma pena ele ser um idiota. *E um Lockwood*. Embora estas duas afirmações fossem, na realidade, redundantes, visto que *ser um Lockwood* significava automaticamente que ele era um idiota.

Forcei-me a fitar o banco da frente, mas senti os olhos do Weston no meu rosto. Eventualmente, tornou-se impossível ignorá-lo, por isso, suspirei e voltei-me para ele.

— Vais ficar a olhar para mim o voo inteiro?

Os seus lábios contraíram-se.

— Talvez o faça. A vista não é má.

Abanei a cabeça.

— Estás à vontade. Eu tenho trabalho para fazer.

Estiquei-me até chegar à parte de baixo do banco da frente e agarrei na minha mala. O meu plano era ler sobre o hotel The Countess durante o voo, mas depressa percebi que o portátil não estava na mala. Tinha-o posto no compartimento da frente da mala de mão, porque assumira que esta ficaria na bagageira de cima. *Fantástico*. Agora, o portátil tinha ido para o porão. Quais eram as hipóteses de voltar inteiro? Isto se ainda estivesse na minha mala quando a fosse buscar. E que diabo ia eu fazer para me manter ocupada durante o voo? Já para não mencionar que a reunião com os advogados do The Countess era no dia seguinte de manhã e eu não estava minimamente preparada. Teria de passar a maior parte da noite acordada para estudar os materiais quando finalmente chegasse ao hotel.

Fantástico.

Simplesmente fantástico.

Em vez de me passar, o que seria o meu comportamento habitual, decidi que mais valia dormir um pouco, uma vez que não iria conseguir fazê-lo essa noite. Por isso, fechei os olhos e tentei descansar enquanto o avião descolava. Contudo, os pensamentos sobre o homem que estava ao meu lado impediram-me de descontraír.

Deus, eu não gostava dele.

A minha família inteira detestava a família dele.

Desde que me conseguia lembrar, éramos os Hatfields e os McCoys¹. A rivalidade entre as nossas famílias remontava aos nossos avôs, embora, durante a maior parte da minha infância, também tivéssemos passado pelos mesmos círculos sociais. Eu e o Weston tínhamos frequentado as mesmas escolas privadas, víamo-nos frequentemente em angariações de fundos e eventos sociais e até chegámos a ter amigos em comum. As casas das nossas famílias no Upper West Side estavam apenas a alguns quarteirões de distância. Mas, tal como os nossos pais e avôs, mantivemos o máximo de distância possível.

¹ Referência a uma rivalidade sangrenta entre duas famílias americanas, os Hatfields e os McCoys, no século XIX. [N. T.]

Bem, exceto *daquela vez*.

Aquele erro terrível e enorme de uma noite.

Na maioria das vezes, fingia que nunca tinha acontecido.

Na maioria das vezes...

Exceto de vez em quando...

De vez em quando, muito raramente...

Quando eu pensava nisso.

Não era frequente.

Mas quando pensava...

Devia esquecer aquilo. Inspirei fundo para afastar *aquelas* memórias da minha cabeça.

Aquela era a última coisa em que eu deveria estar a pensar.

Mas por que raio estava ele sentado ao meu lado, afinal? Pelo que tinha ouvido, o Weston vivia em Las Vegas. Administrava os hotéis da zona sudoeste da sua família — não que eu andasse a controlá-lo ou algo do género.

Quais eram as hipóteses de o encontrar a caminho de Nova Iorque? Eu já não ia à costa leste há pelo menos seis anos. Contudo, acabámos sentados um ao lado do outro, no mesmo voo, na mesma altura.

Oh!

Merda.

Os meus olhos abriram-se com espanto.

Não podia ser.

Por favor, Deus. Por favor, que não fosse aquilo.

Virei-me para o Weston.

— Espera lá. Porque é que vais a Nova Iorque?

Ele sorriu.

— Adivinha.

Ainda sem querer acreditar, agarrei-me à esperança.

— Para... visitar a família?

Ele abanou a cabeça, mantendo o seu sorriso pretensioso nos lábios.

— Passear?

— Não.

Fechei os olhos e deixei descair os ombros.

— A tua família enviou-te para administrares o The Countess, não foi?

O Weston esperou que eu abrisse os olhos antes de dar o golpe final.

— Parece que nos vamos ver mais vezes do que apenas neste curto voo.

Dois

Sophia

— **V**ais na direção errada, Fifi.
Saí do elevador no quarto andar e fui saudada pelo próprio Sr. Maravilha.

— Vai-te embora, Lockwood.

Ele entrou no elevador de onde eu tinha saído, mas chegou-se à frente e impediu que a porta se fechasse. Encolhendo os ombros, disse:

— Como queiras. Mas não há ninguém na sala de conferências número 420.

Voltei-me para trás.

— Porque não?

— Eles mudaram as reuniões para o escritório da advogada do hotel, na baixa, no edifício Flatiron.

— Estás a brincar comigo? Ninguém me contactou. Porque é que fizeram isso? — bufei.

— Não sei. Acho que vamos saber quando lá chegarmos. — O Weston soltou o botão e recuou. — Vou-me embora. Vens ou não? Eles não vão adiar a hora do início, e o trânsito vai estar terrível.

Olhei por cima do ombro na direção da sala de conferências. De facto, não havia ninguém por perto. Soltei um suspiro e entrei no elevador. O Weston estava atrás de mim, mas assim que as portas se fecharam, ele deu um passo em frente.

— O que estás a fazer?

— Nada.

— Bem, afasta-te. Não te aproximes tanto.

O Weston riu-se, mas não se mexeu um centímetro. Detestei ter reparado que ele cheirava mesmo bem — uma combinação de carvalho recém-cortado e algo limpo, talvez com um pouco de couro à mistura. As malditas portas nunca mais abriam. No momento em que o fizeram, saí disparada. Fui para o átrio e corri para a porta sem olhar para trás.

Quarenta minutos mais tarde, depois de uma tentativa de andar num táxi que não conseguiu avançar mais de meio quarteirão em dez minutos, seguida de duas viagens de metro com um calor infernal, em que, da segunda vez, cheirava deliciosamente a urina acabadinha de fazer, corri para o átrio do edifício Flatiron.

— Podia dizer-me o andar da Barton e Fields, por favor? — perguntei na receção.

— Quinto andar. — Ela apontou para uma longa fila. — Mas hoje um dos elevadores está fora de serviço.

Eu já estava atrasada e não tinha tempo para ficar à espera. A suspirar, perguntei ao segurança:

— Onde ficam as escadas?

Depois de subir cinco longos lanços de escadas com uns saltos altos de dez centímetros, enquanto carregava uma pasta cheia de documentos e a minha mala, aproximei-me das portas de vidro duplo do escritório da advogada do hotel The Countess. A rececionista estava a ajudar alguém, e duas outras pessoas estavam à minha frente na fila, por isso, verifiquei as horas no meu telemóvel. Esperava mesmo que não tivessem começado a reunião a horas depois de a terem mudado sem aviso prévio. Mais uma vez, como podiam fazê-lo? Era provável que o Weston tivesse demorado o mesmo tempo a chegar ali. Quando, por fim, chegou a minha vez, aproximei-me da rececionista.

— Olá. O meu nome é Sophia Sterling. Tenho uma reunião com a Elizabeth Barton.

A rececionista abanou a cabeça em negação.

— A Dra. Barton foi ao centro da cidade esta manhã para uma reunião. A que horas é a sua?

— Na verdade, a nossa reunião foi originalmente agendada no centro da cidade, no The Countess, mas foi transferida para cá.

A mulher baixou os olhos.

— Eu via-a sair quando cheguei esta manhã, mas deixe-me verificar. Talvez ela tenha voltado enquanto eu estava a tomar café. — Teclou alguma coisa e ficou a ouvir pelos auscultadores durante um minuto antes de os tirar. — Ela não atende. Deixe-me verificar o escritório dela e a sala de conferências.

Uns minutos depois, uma mulher que usava um fato apareceu com a rececionista.

— Olá. Sou a Serena, a assistente jurídica da Dra. Barton. A sua reunião é hoje no centro da cidade, no The Countess. Na sala de conferências 420.

— Não, eu acabei de vir de lá. Inicialmente, tinha sido agendada lá, mas foi transferida para cá.

Ela abanou a cabeça.

— Lamento. Quem lhe disse isso deu-lhe uma informação errada. Acabei de ligar para o telemóvel da Elizabeth e confirmei. A reunião das nove da manhã começou há quase uma hora.

Senti um calor a subir por mim, desde os pés até ao topo da cabeça. *Porra, vou matar o Weston.*

— Peço imensa desculpa pelo atraso — anunciei ao entrar.

A mulher sentada à cabeceira da mesa da reunião, que devia ser a Elizabeth Barton, a advogada principal do The Countess, olhou para o relógio. Estava com um ar muito sério.

— Talvez alguém que tenha chegado a horas possa ter a amabilidade de a pôr a par do que perdeu. — Levantou-se. — Vamos fazer uma pausa de dez minutos, e responderei a quaisquer perguntas que tenha quando voltarmos a reunir.

O Weston sorriu.

— Terei todo o gosto em informar a Sra. Sterling.

A advogada agradeceu-lhe. Ela e os outros dois homens, que eu nunca vira, afastaram-se, deixando-me sozinha com o Weston. Fiz um esforço tremendo para não me passar da cabeça, pelo menos até ela sair da sala. O Weston levantou-se como se também ele fosse fazer uma pausa e sair dali incólume.

É que nem pensar.

Postei-me à frente da porta para que ele não pudesse sair.

— Seu *idiota!*

Ele abotoou o casaco com um sorriso presunçoso.

— Não te ensinaram nada lá em Wharton? Vale tudo no amor e na guerra, Fifi.

— Para de me chamar isso!

O Weston tirou um pelo imaginário da manga do seu caríssimo fato.

— Queres que te ponha a par daquilo que perdeste?

— Claro que sim, idiota. Porque a culpa de eu não ter estado cá é tua.

— Não há problema. — Ele dobrou as mãos e olhou para as unhas. — Durante o jantar.

— Eu *não* vou jantar contigo.

— Não?

— Não!

Ele encolheu os ombros.

— Como queiras. Estava a tentar ser um cavalheiro, mas se preferes ir diretamente para o meu quarto, por mim também está tudo bem.

Dei uma gargalhada.

— Não estás bom da cabeça.

Ele inclinou-se para a frente. Como eu estava a bloquear-lhe o caminho, não tinha espaço para me mexer e não estava prestes a dar-lhe a satisfação de vacilar. Por isso, mantive-me firme enquanto o idiota, *que continuava a cheirar tão bem*, aproximava os lábios do meu ouvido.

— Eu sei que te lembras de como éramos bons juntos. A melhor *foda de ódio* que já dei.

Sibilei uma resposta.

— Tenho a certeza de que nunca tiveste outro género, porque ninguém no seu perfeito juízo gostaria de ti.

Ele inclinou a cabeça para trás e piscou-me o olho.

— Agarra-te a essa raiva. Vamos fazer bom uso dela em breve.

Por volta das oito horas da noite, precisava mesmo de uma bebida. Tinha sido um dia interminável.

— Posso pedir comida aqui ou preciso de ter mesa? — perguntei ao empregado do bar no restaurante do hotel.

— Pode pedir no bar. Deixe-me arranjar-lhe uma ementa.

Ele desapareceu, e eu sentei-me num dos bancos. Tirei um bloco de notas da minha mala gigantesca e comecei a rabiscar tudo o que o meu pai dissera nos últimos vinte minutos. Usei a palavra «dissera» de forma vaga, porque, na verdade, ele tinha gritado comigo desde o instante em que eu atendera o telefone. Nem sequer tinha dito «olá», começara logo a barafustar, a gritar pergunta atrás de pergunta. Se eu já *tinha feito isto*, se já *tinha feito aquilo*, mas sem nunca recuperar o fôlego para que eu conseguisse, de facto, articular algumas palavras e responder.

O meu pai *odiou* o facto de o meu avô me ter designado para cuidar do The Countess. Tenho a certeza de que ele teria preferido que o meu meio-irmão, o Spencer, o fizesse. Não por ele ser competente de alguma forma — faz-se umas quantas doações a uma escola da Ivy League e, milagrosamente, deixam entrar qualquer pessoa —, mas por ser a sua marioneta.

Por isso, quando o meu telemóvel piscou, mostrando o nome da Scarlett, pousei a minha caneta para uma pausa muito necessária.

— Não é, tipo, uma da manhã aí? — perguntei.

— Claro que é, e eu estou morta.

Sorri. A minha melhor amiga Scarlett era *tão* inglesa, e eu adorava a forma como ela dizia *morta*, *meias* e *maçanetas*.

— Não fazes ideia do quanto eu precisava de ouvir o teu terrível sotaque neste momento.

— Terrível? Eu falo o inglês da rainha, minha querida. Tu falas o inglês de Queens... aquele bairro pavoroso que existe entre Manhattan e Tall Island.

— É *Long* Island, não Tall Island.

— Tanto faz.

Eu ri-me.

— Como estás?

— Bem, contratámos uma nova mulher no trabalho, e pensei que ela poderia vir a substituir-te como minha única amiga, mas depois fomos ao cinema no fim de semana passado, e ela levou umas *leggings* com a tanga a ver-se.

Abanei a cabeça, a sorrir.

— Caramba! Isso não nada é bom. — A Scarlett trabalhava em moda e fazia com que a Anna Wintour parecesse tolerante a um estilo piroso. — Sejam realistas: sou simplesmente insubstituível.

— Pois és. Então, já estás farta de Nova Iorque e decidiste regressar a Londres?

— Foram vinte e seis horas difíceis desde que parti — respondi com uma risada.

— Como vai o novo trabalho?

— Bem, no primeiro dia, cheguei atrasada a uma reunião com a advogada do hotel, porque o representante da família que agora é proprietária da outra parte do hotel me mandou numa caça aos gambozinos.

— E esta é a família do homem que, há cinquenta anos, andava metido com a dona do hotel, ao mesmo tempo que o teu avô andava a comê-la?

— Sim — respondi, a rir-me.

Embora fosse um pouco mais complicado do que isso, a Scarlett não estava errada. Há cinquenta anos, o meu avô, August Sterling,

abriu um hotel com os seus dois melhores amigos — Oliver Lockwood e Grace Copeland. Reza a história que o meu avô se apaixonou pela Grace, e que ficaram noivos na noite da passagem de ano. No dia do casamento, a Grace parou diante do altar e disse-lhe que não se podia casar com ele, confessando que *também* estava apaixonada pelo Oliver Lockwood. Ela amava os dois homens e recusou-se a casar com qualquer um deles, porque o casamento significava que teria de dedicar o seu coração a um só homem, e o dela não estava disponível só para um.

Os homens lutaram por ela durante anos, mas, no final, nenhum deles conseguiu roubar metade do coração dela ao outro, e os três acabaram por seguir caminhos diferentes. O meu avô e o Oliver Lockwood tornaram-se rivais implacáveis, passando as suas vidas a construir impérios hoteleiros e a tentarem superar-se um ao outro, enquanto a Grace concentrou os seus esforços na construção de um hotel de luxo em vez de uma cadeia de hotéis. Os três foram extremamente bem-sucedidos por mérito próprio. As famílias Sterling e Lockwood tornaram-se as duas maiores proprietárias de hotéis nos Estados Unidos. Embora a Grace fosse proprietária de um hotel, o primeiro que os três tinham começado juntos, o The Countess, com a sua extensa vista sobre o Central Park, cresceu até se tornar um dos mais valiosos hotéis individuais do mundo. Rivalizava com o Four Seasons e o The Plaza.

Há três semanas, quando a Grace morreu, após uma longa batalha contra o cancro, a minha família ficou chocada ao descobrir que ela tinha deixado quarenta e nove por cento do The Countess ao meu avô e quarenta e nove por cento ao Oliver Lockwood. Os outros dois por cento foram para uma instituição de caridade, que estava agora a leiloar a sua nova propriedade à família que fizesse a maior licitação — o que, por sua vez, daria a um de nós uma participação maioritária muito importante de cinquenta e um por cento.

A Grace Copeland nunca chegou a casar-se, e eu vi o seu último ato como uma bela tragédia grega, apesar de achar que, visto de fora, parecesse uma loucura deixar um hotel no valor de centenas

de milhões de dólares a dois homens com quem não falava há cinquenta anos.

— A tua família é doida — disse a Scarlett. — Sabes disso, certo?

— Claro que sei — retorqui, rindo-me.

Conversámos um pouco sobre o seu último encontro e onde estava a pensar ir de férias, e então ela suspirou.

— Na verdade, telefonei para te contar algumas novidades. Onde estás agora?

— Num hotel. Ou melhor, estou no The Countess, o hotel que agora também pertence à minha família. Porquê?

— Há álcool no teu quarto?

Franzi as sobrancelhas.

— Tenho a certeza de que há, mas não estou no meu quarto. Estou no bar cá em baixo. Porquê?

— Porque, depois de ouvires o que eu tenho para te contar, vais precisar dele.

— O que tens para me contar?

— É sobre o Liam.

O Liam era o meu ex, um dramaturgo da zona oeste de Londres. Tínhamos acabado há um mês. Apesar de saber que era o melhor, não consegui evitar sentir uma dor no peito ao ouvir o nome dele.

— O que é que ele tem?

— Vi-o hoje.

— Está bem...

— Com a língua enfiada na garganta da Marielle.

— Marielle? Qual Marielle?

— Acho que só conhecemos uma.

Só podem estar a brincar.

— Estás a falar da *minha prima* Marielle?

— A inigualável. Tão imbecil.

Foi como um murro no estômago. Como é que ela pôde fazer aquilo? Tínhamo-nos aproximado durante o tempo que vivi em Londres.

— Essa não é a pior parte.

— O que é pior?

— Perguntei a uma amiga em comum há quanto tempo eles andavam enrolados, e ela disse-me andam naquilo há quase seis meses.

Comecei a sentir-me maldisposta. Há três ou quatro meses, quando as coisas começaram a correr mal com o Liam, eu tinha encontrado uma gabardina *Burberry* vermelha no banco de trás do seu carro. Ele tinha-me dito que era da irmã. Na altura, não havia razões para suspeitar de nada, mas a Marielle tinha, sem dúvida, uma gabardina vermelha.

Devo ter ficado em silêncio por alguns instantes.

— Ainda estás aí? — perguntou a Scarlett.

Inspirei fundo.

— Sim, estou aqui.

— Desculpa, querida. Achei que devias saber, para não seres simpática com essa cabra.

De facto, eu andava a pensar que devia telefonar à minha prima. Agora estava contente por ter estado tão ocupada.

— Obrigada por me contares.

— Sabes que eu estou sempre aqui para ti.

Sorri com tristeza.

— Eu sei disso. Obrigada, Scarlett.

— Mas também tenho algumas novidades boas.

Não pensei que alguma coisa me pudesse animar depois do que ela tinha acabado de me dizer.

— E quais são?

— Despedi uma editora sénior. Descobri que ela andava a evitar falar de certos designers devido à sua raça.

— E essas são as tuas boas notícias?

— Bem, nem por isso. A boa notícia é que ela tinha uma tonelada de coisas na agenda dela, e eu vou ter de trabalhar um montão de horas para as fazer.

— Acho que não percebes muito bem o conceito de boas notícias, Scarlett.

— Mencionei que uma das coisas que terei de fazer é uma reportagem sobre um desfile de moda em Nova Iorque dentro de duas semanas?

— Vens a Nova Iorque! — Sorri.

— Isso mesmo. Por isso, reserva-me um quarto nesse hotel escandalosamente caro cuja metade pertence agora ao raio do teu avô. Eu envio-te as datas por e-mail.

Depois de desligarmos, o empregado do bar trouxe-me a ementa.

— Vou querer uma vodca de arando, por favor.

— É para já.

Quando ele voltou para anotar o meu pedido, eu, em piloto automático, pedi uma salada. Contudo, antes que ele pudesse ir-se embora, parei-o.

— Espere! Posso alterar, por favor?

— Claro. O que é que lhe posso trazer?

Que se lixam as calorias.

— Quero um hambúrguer com queijo. E com bacon, se tiver. Como acompanhamento, quero uma salada de couve e cenoura e batatas fritas.

Ele sorriu.

— O dia correu mal?

— Continue também a trazer bebidas — repliquei depois de assentir.

A vodca de arando desceu suavemente. Enquanto estava sentada no bar, a pensar nas coisas que o meu pai me tinha dito a gritar e a pensar na minha prima Marielle a comer o Liam por trás das minhas costas, comecei a ficar com raiva. A minha reação imediata, quando a Scarlett me contou, tinha sido sentir-me magoada, mas algures entre a primeira vodca e a segunda, comecei a ficar lixada.

O meu pai pode ir para o Inferno.

Eu trabalho para o meu avô. Tal como ele.

E a Marielle tem umas extensões de cabelo péssimas e uma voz estridente e nasalada.

Ela que se lixe também.

E o Liam? *Ele que se lixe ainda mais.* Tinha desperdiçado um ano e meio da minha vida com aquele aspirante a Arthur Miller que vestia casacos de malha. E, já agora, as suas peças nem sequer eram assim tão boas. Eram pretensiosas, tal como ele.

Engoli um quarto da minha segunda vodca de uma só vez. Pelo menos as coisas não podiam ficar muito piores. Supus que esse era o lado positivo de tudo.

Porém, esse pensamento veio demasiado cedo.

Sem dúvida que as coisas podiam piorar.

E, de facto, pioraram.

Quando o Weston Lockwood se esgueirou e se sentou no banco ao lado do meu.

— Ora, ora. Olá, Fifi.

— Então, como é que os últimos doze anos te têm tratado?

O Weston pediu uma água com gás e limão e sentou-se a observar-me, apesar de eu estar a olhar para a frente, ignorando completamente a sua presença.

— Vai-te embora, Lockwood.

— Os meus têm sido bastante bons, já agora, obrigado por perguntas. Depois da escola secundária, andei em Harvard, embora tenha a certeza de que sabes isto. Fiz um mestrado na Universidade de Columbia e depois fui trabalhar para o negócio da família. Agora, sou vice-presidente.

— Ena, é suposto eu ficar impressionada porque o nepotismo te deu um título pomposo?

Ele sorriu.

— Não. Há muitas outras coisas impressionantes. Lembras-te de mim nu, não te lembras, Feef? Fui ficando bem constituído desde os 18 anos. Assim que estiveres pronta, podemos voltar para o meu quarto, e eu convido-te a dares uma espreitadela.

Virei-me, com o semblante carregado.

— Penso que deixaste de fora algo importante que aconteceu nos últimos doze anos. Obviamente, tiveste uma lesão grave na cabeça que te deixou a viver no mundo da fantasia e incapaz de ler as emoções dos outros seres humanos.

O imbecil não parava de sorrir.

— Aqueles que protestam com mais veemência estão, geralmente, a tentar mascarar os seus verdadeiros sentimentos.

Deixei escapar um gemido de frustração.

O empregado do bar aproximou-se e pousou a comida que eu tinha pedido.

— Precisa de mais alguma coisa?

— Inseticida para as baratas que andam por aqui.

Ele olhou à sua volta.

— Bichos? Onde?

— Desculpe — disse com um aceno. — Nada. Não há bichos, estava apenas a ser engraçada.

O Weston olhou para o empregado do bar com simpatia.

— Nós vamos trabalhar nisso. Ela ainda não está bem lá.

O empregado parecia um pouco confuso, mas, de qualquer forma, afastou-se. Quando fui pegar no ketchup, o Weston roubou uma batata frita do meu prato.

— Não toques na minha comida — avisei-o.

— Isso é muita comida. Tens a certeza de que queres comer isso tudo?

— O que queres dizer com isso?

— Nada, apenas parece muita carne para a tua pequena estrutura. — Esboçou um sorriso rasgado. — Mais uma vez, se bem me lembro, tu gostas de muita carne. Pelo menos, há doze anos, gostavas.

Revirei os olhos, ergui o hambúrguer e cravei-lhe os dentes. De repente, estava completamente esfomeada. O imbecil ao meu lado parecia achar fascinante a minha maneira de mastigar.

Tapei os lábios com um guardanapo e falei com a boca cheia.

— Para de me ver a comer.

Claro que ele não parou. Durante a meia hora seguinte, acabei a minha refeição e emborqueei mais uma bebida. O Weston continuou a tentar tagarelar, mas eu dei-lhe sempre para trás. Depois, por ter a bexiga cheia e não querer tentar equilibrar a minha mala gigante, o portátil e a agenda na casa de banho pública, pedi, com relutância, ao chato que ficasse de olho nas minhas coisas.

— Adoraria ficar de olho nas tuas *coisas*.

Revirei de novo os olhos. Ao levantar-me, balancei um pouco. Aparentemente, o álcool estava a afetar-me mais do que eu pensava.

— Ei, cuidado aí.

O Weston agarrou-me no braço com firmeza. A sua mão era quente, forte e... *Oh, meu Deus! Sem dúvida que já estava tocada, para estar a pensar naquilo.*

Soltei o meu cotovelo da mão dele.

— O meu salto escorregou. Estou bem. Toma conta das minhas coisas.

Na casa de banho, fiz o que tinha a fazer e lavei as mãos. Ao olhar-me ao espelho, reparei que tinha o rímel esborratado por baixo dos olhos. Então, limpei-o e passei as mãos pelo cabelo, por hábito, e não porque me importava com o meu aspeto perto do Weston Lockwood.

Quando regresssei ao bar, o meu inimigo aparentava estar preocupado com outra coisa que não eu, para variar. Sentei-me e reparei que o meu copo estava novamente cheio.

— Depilação com açúcar, hum? — comentou o Weston, sem olhar para mim. — Em que difere da depilação normal?

Franzi a cara.

— Hã?

Ele bateu com o dedo no que quer que estivesse a ver no balcão à sua frente.

— O açúcar é comestível? Tipo, depois de ficares toda lisa, estás pronta para alguma ação? Ou há químicos à mistura?

Inclinei-me e semicerrei os olhos para espreitar o que ele estava a ler. Os meus olhos arregalaram-se.

— Dá-me isso! És mesmo parvo!

O idiota tinha agarrado na minha agenda, que estivera pousada no balcão do bar, à minha esquerda, e não fez cerimónia. Tentei alcançá-la, mas o Weston ergueu as suas mãos como se estivesse a render-se.

— Não me admira que estejas tão rabugenta. O teu período deve vir dentro de poucos dias. Já alguma vez experimentaste *Midol*? Parto-me a rir com esses anúncios.

Enfiei a agenda dentro da mala e acenei ao empregado do bar enquanto gritava:

— A conta, por favor.

Ele aproximou-se.

— Quer pôr na conta do quarto?

Pus a alça da minha volumosa mala ao ombro e levantei-me.

— Na verdade, não. Ponha na conta do quarto deste *imbecil*. — Aponte para o Weston. — E tire uma gorjeta de cem dólares, da minha parte.

O empregado do bar olhou para o Weston e depois encolheu os ombros.

— Não há problema.

De rompante, dirigi-me à zona dos elevadores sem esperar ou sem querer saber se o Sr. Maravilha não estava contente por pagar a conta. Impacientemente, carreguei no botão para chamar o elevador meia dúzia de vezes. O que quer que o álcool tivesse feito para acalmar a minha raiva, ela agora voltava em força para se vingar. Apetecia-me atirar algo contra alguém.

Primeiro, ao Liam.

Depois, ao meu pai.

E duplamente àquele idiota do Weston.

Felizmente, as portas do elevador abriram-se antes de eu descarregar a minha raiva em algum hóspede incauto do hotel. Carreguei no botão para o oitavo andar e perguntei-me se o minibar teria algum vinho.

— Mas que raio!

Carreguei no botão uma segunda vez. Iluminou-se, mas o elevador continuou ali parado, por isso, pressionei uma terceira vez. Por fim, as portas começaram a deslizar para se fecharem. Quando estavam prestes a ficar completamente fechadas, um sapato impediu-as de fechar.

Um sapato clássico de homem.

Ali estava a cara sorridente do Weston a cumprimentar-me quando as portas se abriram.

O meu sangue estava quase a ferver.

— Juro, Lockwood, se tentares entrar neste elevador, eu não me responsabilizo pelo que te possa acontecer. Já não estou com paciência.

Ele entrou na mesma.

— Vá lá, Fifi. O que se passa? Estou só a brincar. Estás a levar as coisas demasiado a sério.

Mentalmente, contei até dez, mas não ajudou. *Que se lixe.* Ele queria provocar uma reação em mim? Ali estava ela. As portas voltaram a deslizar para se fecharem, e eu virei-me para trás, encurralando-o num canto. Ao ver a minha cara, ele ao menos teve a decência de parecer um pouco nervoso.

— Queres saber o que se passa? Eu digo-te o que se passa! O meu pai pensa que eu sou uma incompetente porque não tenho um apêndice pendurado no meio das pernas. O homem com quem passei os últimos dezoito meses andava a trair-me com uma das minhas primas. *Outra vez.* Odeio Nova Iorque. Detesto a família Lockwood. E tu pensas que consegues sempre safar-te só porque tens uma pila grande.

Espetei o meu dedo no seu peito e pontuei cada palavra ritmada com outra estocada.

— Estou. Farta. De. Homens. Do meu pai. Do Liam. De ti. De cada maldito um de vocês. Por isso, deixem-me em paz!

Esgotada, voltei a virar-me e esperei que as portas se abrissem, apercebendo-me então de que ainda estávamos parados. Fantástico. Simplesmente fantástico. Carreguei no botão mais algumas vezes,

fechei os olhos e comecei a respirar fundo e prolongadamente quando começámos a andar. A meio da terceira respiração, senti o calor do corpo do Weston atrás de mim. Ele tinha-se aproximado. Continuei a tentar ignorá-lo...

Mas o sacana *ainda* cheirava bem.

Como raio era possível? Quem é que usa uma colónia que dura... Quanto tempo já tinha passado? Doze horas? Depois da corrida desafiante que ele me proporcionara naquela manhã pela cidade, eu provavelmente não cheirava muito bem. Fiquei lixada porque o cheiro do *idiota... era delicioso*.

Ele aproximou-se, e eu senti a sua respiração a fazer-me cócegas no pescoço.

— Então — sussurrou ele com uma voz rouca —, achas que a minha pila é grande.

Virei-me e lancei-lhe um olhar sério. Embora de manhã ele estivesse bem barbeado, já se notava alguma barba a crescer ao longo do seu maxilar esculpido. Dava-lhe um ar sinistro. O fato que abraçava os seus ombros largos provavelmente tinha custado mais do que todo o guarda-roupa de camisolas do Liam. O Weston Lockwood era tudo aquilo que eu odiava num homem: rico, bonito, convencido, arrogante e destemido. O Liam iria odiá-lo. O meu pai já o odiava. E, naquele momento, aqueles eram, na realidade, os pontos fortes do Weston.

Enquanto eu lutava para que o meu corpo não reagisse ao seu cheiro e ao quanto gostava da sua barba por fazer, o Weston estendeu lentamente a mão e pousou-a na minha anca. No início, presumi que ele achava que precisava de me equilibrar, como tinha feito no bar, quando balancei. Teria eu balançado novamente? Não tinha reparado, mas devia tê-lo feito.

Contudo, quando a mão dele deslizou da minha anca para o meu rabo, não houve qualquer mal-entendido quanto à sua intenção. Ele *não* estava a tentar ajudar-me a manter-me de pé. Na minha cabeça, a minha reação imediata seria gritar com ele, mas de certa forma tinha um nó demasiado grande na garganta para falar.

Cometi o erro de percorrer com o olhar o seu resto, do maxilar aos olhos azuis. A chama acendeu-se, tornando-os quase cinzentos, e os seus olhos pararam nos meus lábios.

Não.

Não mesmo.

Aquilo não estava a acontecer.

Outra vez, não.

O meu coração ressoou no peito e o sangue nos meus ouvidos rugiu tão alto que quase não ouvi o *ding* do elevador a anunciar que tínhamos chegado ao meu andar. Felizmente, despertou-me de qualquer momento de insanidade em que me estivesse a meter.

— Eu... Eu tenho de ir.

Precisei de toda a minha concentração para pôr um pé à frente do outro, mas consegui avançar pelo corredor e chegar ao meu quarto.

Contudo...

Não estava sozinha.

Mais uma vez, o Weston estava atrás de mim. *Perto. Demasiado perto.* Estava a revolver a mala, a tentar encontrar a chave do quarto, quando uma mão contornou a minha cintura, roçando-a ao longo da parte de cima da minha saia. Eu sabia que precisava de cortar aquela merda pela raiz, mas o meu corpo reagiu absurdamente ao seu toque. A minha respiração ficou mais fraca.

A mão dele viajou pela minha barriga e parou no aro do soutien. Engoli em seco, sabendo que tinha de dizer algo antes que fosse demasiado tarde.

— Eu detesto-te — sibilei.

O Weston respondeu ao apalpar-me a mama esquerda, que apertou com força.

— Eu detesto-te, Weston, e detesto aquilo a que chamas pila e que está a tentar lisonjear-me com uma patética ereção de meia-tigela ao espetar-se contra o meu rabo neste momento.

Ele aproximou-se para agarrar na minha outra mama e apalpá-la.

— O sentimento é mútuo, *Fifi*, mas eu sei que te lembras de que aquilo a que eu chamo pila é muito maior do que aquela que

o dramaturgozeco tinha entre as pernas. O dramaturgozeco cuja pila inapta está, provavelmente, enterrada dentro da tua prima neste preciso instante.

Cerrei os dentes. O cabrão do Liam.

— Pelo menos ele não tinha doenças. Tu deves ter todas as DST de A a Z por andares na putaria em Las Vegas.

O Weston respondeu ao empurrar a sua anca contra o meu rabo. A sua ereção quente parecia um tubo de aço a tentar romper-lhe as calças.

Mas, meu Deus, sabia tão bem.

Tão duro.

Tão quente.

As lembranças de há doze anos inundaram-me. O Weston era bem «dotado» e, mesmo aos 18 anos, ele sabia exatamente o que fazer com aquilo.

— Vamos para dentro — rosnou ele. — Quero tanto foder-te à bruta que amanhã terás dificuldade em sentar-te durante as nossas reuniões.

Fechei os olhos, estava a travar uma batalha dentro de mim. Eu sabia que seria um erro enorme envolver-me com o Weston, especialmente com a guerra que grassava entre as nossas famílias. Mas que raio... o meu corpo estava em brasa.

Não tínhamos de ser amigos.

Nem sequer tínhamos de gostar um do outro.

Podia usá-lo apenas desta vez.

Era só vir-me e voltar a manter a minha distância no dia seguinte.

Eu não o devia fazer.

Decididamente, não devia.

O Weston beliscou-me o mamilo, e eu senti uma descarga elétrica.

Que se foda.

Que se foda o Liam.

Que se foda o meu pai.

Que se foda o Weston. Literalmente.

— Regras básicas — disse eu com rispidez. — Não me beijas. E apenas por trás. Só te vens depois de mim ou, que Deus me ajude, eu arranco-te o que tens no meio das pernas. E vais usar a porcaria de um preservativo, porque não quero tomar os antibióticos que deves andar a tomar.

O Weston mordiscou-me a orelha.

— Ai!

— Cala-te. Eu também tenho algumas regras.

— Regras? Quais são as tuas regras?

— Não esperes que eu fique depois. Tu vens-te. Eu venho-me. Eu vou-me embora. Por esta ordem. Não falas, a menos que seja para me dizeres como a minha pila sabe bem dentro de ti. E esses sapatos pontiagudos como a porra que estás a usar continuam calçados. Ah, e se eu te fizer vir mais do que uma vez, amanhã usas o cabelo *apanhado*.

Estava tão excitada que nem sequer conseguia parar para pensar sobre aquele acordo. Eu só queria... Queria-o a ele. *Naquele instante*.

— Muito bem — disse, persuadida. — Agora entra, e vamos lá acabar com isto.

O Weston tirou-me a chave da mão e abriu a porta. Guiou-me para dentro do quarto, com pouca gentileza, e empurrou-me contra a parede. Mal tínhamos entrado, e a minha bochecha já estava pressionada contra o papel de parede.

— Tira-me a pila para fora — rosnou.

Detestava que me dissessem o que fazer, principalmente ele.

— Mas é suposto eu ser o Houdini? Preciso de me virar para fazer isso.

O peito do Weston estava encostado firmemente às minhas costas, mas ele libertou alguma pressão, dando meio passo atrás para que eu me pudesse virar. Enrolei a minha mão à volta da sua ereção grossa e saliente por cima das calças e apertei-a. *Com força*.

O Weston silvou.

— Tira tu a tua pila para fora — retorqui.

Um sorriso malicioso surgiu nos seus lábios. Ele estendeu uma mão, desapertou o cinto e abriu o fecho. Em seguida, agarrou-me no pulso e enfiou-me a mão dentro dos boxers dele.

Oh, Deus!

A pele suave estava tão quente e dura. E *grossa*. Nunca me sentira tão excitada na vida. Contudo, não ia deixar que ele o soubesse. A controlar as emoções que me invadiam, cruzei o meu olhar com o dele e mexi a mão à bruta.

Os olhos do Weston brilhavam. Passou a língua pelo lábio inferior e falou com um tom de voz grave.

— Digamos que estamos quites por despachares para mim a conta do teu jantar e das tuas bebidas.

Franzi as sobrancelhas. Não tinha a certeza do que ele estava a dizer até que agarrou na minha blusa de seda com as duas mãos e a arrancou, rasgando-a. O tecido ficou esfarrapado e mais do que um botão tilintou algures contra a parede.

— Esta blusa custou quatrocentos dólares, imbecil.

— Então parece que vou ter de te pagar mais jantares.

As suas mãos grandes apalparam-me o peito. Ele usou os polegares para descer o tecido rendado do meu soutien, e os meus seios ficaram avidamente à mostra.

O Weston beliscou-me um mamilo com força e observou a minha reação. Uma sensação de dor percorreu-me, mas recusei dar-lhe o que ele procurava.

— Isso é suposto doer? — trocei.

Ele rosnou e aproximou a cabeça para puxar o meu mamilo com a boca. Uma mão agarrou na bainha da minha saia e enrolou-a, puxando-a até à cintura.

— Estás molhada para mim, Fifi?

Se ele queria mesmo que eu respondesse, não me deu tempo. Antes que eu pudesse formular uma resposta suficientemente sarcástica, os seus dedos levantaram a ponta das minhas cuecas. Os dedos deslizaram por baixo do tecido, e ele acariciou-me uma vez para cima e para baixo. Depois, inesperadamente, mergulhou dentro de mim.

Eu ofeguei, e um olhar de satisfação primitivo surgiu na cara do Weston. O cabrão tinha conseguido o que queria: fazer-me perder o controlo e reagir. De alguma forma, deu-lhe uma vantagem tácita, e ambos sabíamos disso.

— Tão molhada. — Entrou e saiu de mim uma vez, depois outra.
— Tens estado a escorrer desde o avião, não é, sua provocadora?

O meu corpo estava tão no limite que pensei ser inteiramente possível vir-me só com a sua mão, algo que nunca funcionara comigo antes. Pelo menos, não com o Liam.

Liam. Esse cabrão.

Ele que se foda também.

O meu nível de raiva subiu em unísono com a minha excitação. Incapaz de me concentrar em algo que não fosse a forma como a mão do Weston me fazia sentir, esqueci-me completamente de que ainda tinha a mão envolta na sua ereção.

Apertei.

— Tira já a porcaria do preservativo.

O Weston cerrou os dentes, enfiou a mão no bolso e conseguiu tirar um preservativo da carteira apenas com uma mão. Levando o invólucro aos dentes, rasgou-o.

— Vira-te para eu não ter de olhar para ti.

Ele retirou a mão do meio das minhas pernas e rodou-me para eu encarar novamente a parede.

Olhei por cima do ombro.

— É bom que isto valha a pena.

Ele pôs o preservativo e cuspiu o invólucro para o chão.

— Inclina-te. — Pressionou-me as costas, dobrando-me ligeiramente. — Agarra-te a essa parede com as duas mãos ou a tua cabeça vai bater contra ela.

Ele subiu a parte de trás da minha saia, e o seu braço enrolou-se à volta da minha cintura enquanto me levantava até às pontas dos pés. As minhas mãos estavam afastadas contra a parede, as palmas a suar com a antecipação, quando um sonoro estalo ecoou pela sala. Ouvi o som antes de sentir o ardor no rabo.

NÓS NUNCA NOS DEMOS BEM...

A rivalidade entre a minha família e a do Weston Lockwood começou muito antes de termos nascido. Os nossos avôs eram sócios e grandes amigos, até se apaixonarem pela mesma mulher, a Grace Copeland, que não foi capaz de se decidir por um deles. Como nenhum dos homens conseguiu conquistar inteiramente o coração dela, os dois seguiram caminhos diferentes, dando origem a uma das mais famosas rivalidades do setor hoteleiro.

Continuando a tradição, eu e o Weston mantivemo-nos afastados durante a maior parte da nossa vida. Até que a Grace morreu e deixou em herança o seu valioso hotel aos nossos avôs, que, por sua vez, decidiram entregar-nos a gestão da propriedade. O único problema é que agora estou presa a um trabalho num hotel com um homem que detesto, a tentar resolver todos os problemas, enquanto me esforço por provar à minha família que sou uma profissional competente e capaz de me desenvencilhar sozinha.

Mas do outro lado está o Weston, e nós não conseguimos passar muito tempo sem discutir, o que não é de estranhar, visto que as nossas famílias sempre estiveram em guerra. Só que as nossas discussões acabam sempre da mesma maneira...

MAS A NOSSA QUÍMICA SEMPRE FOI INEGÁVEL!

Não deixe escapar nenhum destes romances sensuais:



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

[@topseller.suma](https://www.instagram.com/topseller.suma)

[penguinlivros](https://www.facebook.com/penguinlivros)

ISBN 9789896239312



9 789896 239312 >